



Juventudes Metropolitanas - Cultivando espaços de Agroecologia na Região Metropolitana de Belo Horizonte

Ghiulia Cabral Martins¹

Resumo: As juventudes têm se inserido politicamente no movimento agroecológico, trazendo pautas como direito à terra, o direito à cidade, a educação contextualizada para o campo, políticas públicas de fomento à agricultura familiar e à agroecologia, cultura, comunicação e a igualdade racial e de gênero. Dessa forma, grupos e coletivos estão se estruturando no âmbito nacional e local, buscando caminhos por territórios mais justos e sustentáveis. Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, iniciativas vêm surgindo nos últimos anos caracterizadas pelo protagonismo das juventudes e por apontar para a agroecologia como ferramenta transformadora, pedagógica e de articulação. Neste artigo, são apresentadas algumas dessas experiências, a fim de explicitar suas diversidades e ao mesmo tempo suas potências comuns.

Palavras-chave: Juventudes; Agroecologia; Agricultura Urbana; Agriculturas Metropolitanas.

Introdução

Desde 1970, surgem, no Brasil e em outros países da América Latina, práticas e movimentos agrícolas, que convergem na direção das ações da agroecologia, como alternativa à agricultura industrial e capitalista (BIANCHINI E MEDAETS, 2013). Sendo entendida como ciência, movimento político e prática social (WEZEL et al., 2009), a agroecologia é considerada um conjunto de princípios e práticas alinhadas à sustentabilidade e à justiça social na reestruturação de sistemas agroalimentares, e não é orientada exclusivamente às transformações no manejo de agrossistemas, mas também aos processos sociais, ecológicos e pedagógicos (ABA, 2017).

A agroecologia também pode ser entendida como projeto de sociedade, permitindo a interação e articulação de diversos atores sociais. Nesse contexto, as juventudes estão conquistando espaço e inserindo-se politicamente em articulações, organizações, redes e

¹ Mestranda em Geografia e Graduada em Ciências Socioambientais pela UFMG; Pesquisadora no AUÊ!/UFMG; e Bolsista CAPES.



movimentos sociais, através de intervenções e atuação de jovens do campo e da cidade, indicando as especificidades dos grupos e trazendo pautas contemporâneas, como o direito à terra, o direito à cidade, a educação contextualizada para o campo, políticas públicas de fomento à agricultura familiar e à agroecologia, cultura, comunicação, igualdade racial e de gênero, entre outras. Os Grupos de Trabalho das Juventudes da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) são exemplos da participação e organização das juventudes em âmbito nacional, integrando diferentes territórios e espaços políticos, através de práticas pedagógicas e agroecológicas na construção coletiva de conhecimentos e ações pela qualidade de vida, pelos direitos das juventudes, respeito às diversidades e em defesa do meio ambiente. Além disso, a criação e consolidação dos Núcleos de Agroecologia e Produção Orgânica (NEAs) nas instituições de ensino superior são canais importantes de participação das juventudes no “campo agroecológico”, produzindo ações de pesquisa-ensino-extensão em diálogo com a sociedade.

A Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e seu entorno incorporam um conjunto extenso e diversificado de experiências em agricultura que geram uma nova perspectiva a respeito do uso do solo urbano e metropolitano, sobre natureza e cidade, e ocupação de espaços públicos e privados (ALMEIDA, 2016). Dentro dessas experiências, encontram-se aquelas protagonizadas pelas juventudes, que também são bastante diversas entre si e apresentam intenções, funções, resultados e narrativas distintas. Dessa forma, serão apresentadas três experiências da RMBH, que contemplam, mesmo que em pequena escala, um pouco dessa multiplicidade e diversidade.



Justificativa e Referencial Teórico

Hoje, as juventudes estão produzindo novas experiências que trazem os saberes agroecológicos como metodologia pedagógica, com o intuito de trocar e construir conhecimentos, modificar o espaço, criar relações com ambiente e agir politicamente, visando construir territórios que promovam a sustentabilidade, a biodiversidade e a alimentação saudável. Portanto, é essencial trazer essas discussões para o meio acadêmico, como forma de compreender esses novos movimentos, como se estruturam e quais são seus potenciais sociopolíticos. É importante tratarmos da Agroecologia e Juventudes como campo de investigação científica, pois, por ser um tema contemporâneo, principalmente na área urbana, carece de produções e definições conceituais, necessitando de consistência teórica e empírica (DREBES e WIZNIEWSKY, 2015).

Para Dayrell (2003), entender o jovem como sujeito social implica considerar sua individualidade, o sujeito transforma e também é transformado pelas relações sociais e pelo meio em que se insere, pois “age no e sobre o mundo” trazendo consigo sua história, seus desejos e propostas para a sociedade. Ao mesmo tempo, a juventude pode ser compreendida, entre suas muitas definições, como uma condição social e diversifica-se de acordo com seu contexto histórico, social, de gênero e geográfico, dentre outros aspectos (DAYRELL, 2003). Por esse motivo, faz-se necessário a articulação entre a compreensão de juventude e sujeito social, assim como a adoção do termo “juventudes”, no plural, explicitando a diversidade das realidades sociais, da territorialidade, e identitária dos indivíduos jovens.

Nos estudos relacionados à agroecologia, prevalecem pesquisas sobre as juventudes rurais, que são pertinentes, mas em geral não abrangem as dinâmicas sociais e territoriais das juventudes que protagonizam experiências de agroecologia nos territórios urbanos, que são invisibilizadas como um possível campo de investigação. Entretanto, através da perspectiva lefebvriana, é possível questionar a compreensão dicotômica nas relações urbano-cidade, urbano-rural e urbano-natureza, e também entender as experiências agrícolas urbanas tanto como respostas sociopolíticas, e parte das transformações e formação do urbano. Rompendo



com a ideia de que as atividades agrícolas são apenas “resquícios” a serem consumidos pelo tecido urbano, é possível visualizar as experiências de agricultura urbana como produção e apropriação do espaço (LEFEBVRE, 1993, 1999; ALMEIDA, 2016). E, assim, analisar a interação das juventudes com a agroecologia a partir de um olhar sobre o urbano contemporâneo, destacando como as agriculturas na produção do espaço na cidade e entorno podem apresentar diferenças e, ao mesmo tempo, semelhanças em suas composições.

De acordo com Milton Santos (2000), devemos entender o território não apenas como o acúmulo dos sistemas naturais e as construções da sociedade, mas também como identidade. O território desperta o sentimento de pertencimento, podendo ser um espaço de resistência, trabalho, troca e reprodução da vida, utilizado por determinada sociedade ou comunidade. Através da compreensão do território como *espaço vivido*, é possível entendê-lo como uma construção dos sujeitos e suas ações, abarcando inúmeras dimensões da vida humana, concretas e subjetivas, como a circulação e consumo, e a cultura e a estética, por exemplo (SANTOS, 2000). Além disso, o território também pode ser cenário de interesses, disputas e relações de poder, reproduzindo desigualdades e injustiças. Faz-se necessário compreendê-lo como algo que não está inerte ou apenas como um pano de fundo da sociedade, podendo estabelecer solidariedades, contradições, fluxos e aproximando todos os atores e aspectos. Ao adotar-se um conceito híbrido, entende-se o território usado como um conjunto de objetos e ações, marcado pela sua historicidade em suas características, mas também pelas ações realizadas sobre ele (SANTOS e SILVEIRA, 2001).

Portanto, para tentarmos entender as experiências que serão apresentadas nesta pesquisa, é necessária uma compreensão não dicotômica em torno das relações campo-cidade e da complexidade dos territórios metropolitanos, de modo a dar visibilidade à diversidade das experiências na RMBH e às realidades vividas pelos/as jovens que as protagonizam. Pelo mesmo motivo, é necessário entender os territórios analisados como espaços “vivididos, construídos e ressignificados” pelas juventudes, que os transformam e também são influenciadas por essa interação (ALVES e OLIVEIRA, 2014).



Com o crescimento de redes, eventos e formações em agroecologia na RMBH², estão sendo construídas novas práticas de produção do espaço que se destacam pelas intervenções agrícolas, político-sociais e de educação ambiental e ecológica, implementadas por jovens de contextos variados, buscando formas mais sustentáveis de se relacionar com o território. Analisando essas iniciativas, é possível visualizar novos exemplos construídos pelas juventudes e garantir visibilidade das juventudes, no campo e na cidade.

Metodologia

Para a realização deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca dos principais conceitos trabalhados, como espaço e território, agroecologia e agricultura urbana, e juventudes. Também são relatadas três experiências de agroecologia protagonizadas por juventudes na RMBH, considerando as diversidades territoriais: Hortelões da Lagoinha - espaço público central em Belo Horizonte; Sítio Bonobas - área rural de Florestal; e Roots Ativa - região periférica de Belo Horizonte. É claro que apenas essas características não abrangem a pluralidade real das experiências, mas espera-se utilizar desse caminho metodológico a fim de destacar diferenças, semelhanças e convergências fundamentais entre as iniciativas.

Por fim, este artigo é fruto das informações obtidas através do contato com as experiências possibilitado pela inserção no grupo de ensino-pesquisa-extensão AUÊ! Estudos em Agricultura Urbana do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O AUÊ!³ trabalha desde 2013 com temáticas que se aproximam da agricultura urbana, como a agroecologia, o planejamento urbano, a Soberania e Segurança Alimentar e

² São exemplos de eventos e formações em agroecologia que se destacaram na RMBH nos últimos anos: IV ENA - Encontro Nacional de Agroecologia em 2018; Balaio de Saberes, na programação da Semana do Produtor Rural em Florestal; ERÊ - Encontro Regional de Agroecologia do Sudeste em 2017; Curso Trilha da Agroecologia e Curso de Formação de Promotoras e Promotores da Agroecologia, da Prefeitura de Belo Horizonte; entre outros.

³ Mais informações sobre o AUÊ!/UFMG podem ser encontradas no site: <https://aueufmg.wordpress.com/>.



Nutricional (SSAN), por exemplo, além de ter estabelecido uma rede de parcerias com movimentos sociais, organizações, coletivos, entre outros.

Resultados e Discussões

Nos territórios metropolitanos, é possível encontrar ações de ocupação e produção do espaço orientadas pelos princípios da agroecologia, observando-se o aparecimento de iniciativas do tipo em diferentes contextos sociais e espaciais.

O “Quintal do Sô Antônio”, que constitui o primeiro exemplo, ocupa um canteiro que antes estava em processo de deterioração, no bairro Lagoinha, ao lado da Avenida Antônio Carlos, que é extremamente movimentada (Figura 01). A experiência teve início com a atriz e ativista ambiental Cida Barcelos, de 62 anos, que começou, por conta própria, a cuidar e plantar no local, em 2015. Desde então, grupos e voluntários se aproximaram para transformar a área, entre eles, o Agroê, coletivo de agroecologia formado por estudantes das Ciências Biológicas da UFMG. Em 2017, o grupo de estudantes, moradores do bairro, Cida e outros participantes, começaram a atuar com o nome “Hortelões da Lagoinha”. Percebe-se que, a partir da criação do coletivo a atuação frequente e intensa de jovens nos mutirões, no cultivo das plantas (flores, hortaliças, plantas medicinais entre outras), atividades culturais, trocas de saberes, rodas de conversa, entre outras atividades.

Vale destacar a troca de conhecimentos e cooperação intergeracional entre os atuantes da experiência. Nesse caso, a iniciativa que começou com Cida tem se fortalecido com a participação de estudantes e outros jovens. Mas, isso não é exclusividade dos Hortelões, no Parque Ecológico do Brejinho, por exemplo, as juventudes têm colaborado e dado continuidade à luta pelo cuidado e preservação das águas do parque que surgiu com os moradores/as dos bairros do entorno em 1997. Com a reoxigenação trazida pelos jovens, está sendo implementado um Sistema Agroflorestal (SAF), além da realização de atividades de educação ambiental.



Figura 01: Hortelões da Lagoinha



Fonte: Google Earth / <https://www.facebook.com/horteloesdaLagoinha/>

Já o “Sítio Bonobas”, está inserido em um contexto rural, onde a produção do Sistema Agroflorestal (SAF) é realizada por jovens agricultoras, gestoras ambientais e feministas, que comercializam os produtos através de feiras, cestas, CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura) e em cooperação com outros coletivos, como a Associação Florestalense de Agroecologia (AFLORA). A iniciativa começou em um terreno alugado em Florestal (Figura 02), município da região metropolitana de Belo Horizonte, onde houve um fluxo de mulheres que participaram em diversos momentos da experiência. A produção do SAF juntamente com outras atividades que dialogam com a agroecologia, como a permacultura, são realizadas com o objetivo de geração de renda através da comercialização em diferentes municípios, incluindo Belo Horizonte. Entretanto, as agricultoras também buscam na prática agroecológica a sensibilização ambiental e a construção de conhecimentos por meio da troca de saberes e da arte, além de divulgarem recorrentemente conteúdos sobre agroecologia nas redes sociais, também já organizaram ações culturais promovendo a agroecologia, como o “Forró das Minina”, um encontro de partilha, música, poesia e comida sem veneno.

Durante a pandemia da COVID-19, o fluxo de participantes da iniciativa diminuiu, de



forma que no momento integram apenas as fundadoras do coletivo, Pâmela Ascef e Mariana De Cássia. Elas também não puderam continuar no terreno em Florestal, e hoje estão trabalhando em espaços diferentes, em Mateus Leme, na RMBH, e Campo Belo, apesar de continuarem com o projeto e comercializando de forma conjunta sua produção.

Figura 02: Sítio Bonobas



Fonte: Google Earth / <https://www.facebook.com/sitiobonobas-111570730309609>

Outro coletivo que tem se destacado na RMBH é o Roots Ativa, grupo formado por agentes e produtores culturais, educadores ambientais, cozinheiros, oficinairos e artistas que desenvolvem, desde 2008, atividades diversas com crianças, jovens e adultos na comunidade, baseando-se na filosofia e práticas sustentáveis presentes nas culturas africanas. Situado na Vila Nossa Senhora de Fátima no Aglomerado da Serra (destacado na Figura 03), na região sul de Belo Horizonte, vem desenvolvendo diversos projetos, produzindo e comercializando produtos saudáveis, vegetarianos e veganos. Além disso, o grupo amplia sua atuação participando em outras frentes como o “Spiralixo”, que propõe soluções para tratamento dos resíduos orgânicos, produção e comercialização de minhocários, bem como realização de oficinas de compostagem e construção de minhocários domésticos. O coletivo também compõe o "Núcleo Lixo Zero Bom Despacho" junto com outras organizações, que promovem coleta dos resíduos orgânicos e recicláveis da região do bairro Santa Tereza em Belo



Horizonte.

O Roots Ativa é um dos exemplos da agricultura urbana tocada por juventudes como forma de geração de renda, soberania e segurança alimentar e preservação da natureza. O grupo se conecta com a proposta anti-hegemônica da agroecologia, que compreende diferentes modos de vida e lutas sociais, além disso a articulação e comercialização em rede apresenta um potencial de aumentar e visibilizar a produção de alimentos agroecológicos em Belo Horizonte e torná-los mais acessíveis à população.

Figura 03: Roots Ativa.



Fonte: (Fotos de Lucas Bois)

<https://jornalistaslivres.org/o-que-a-cultura-rastafari-e-a-agroecologia-tem-em-comum/> / Google Earth

Apesar das experiências aqui retratadas dialogarem com diversos contextos em relação ao uso e ocupação do espaço, desde quintais produtivos, espaços públicos, sítios e outros, todas utilizam a agroecologia como método pedagógico na produção do espaço, buscando alternativas ecológicas e de conscientização ambiental na RMBH. Dessa forma, as agriculturas metropolitanas se integram em diversos espaços e formas no campo e na cidade, envolvendo sujeitos que não necessariamente possuem um histórico rural ou ligação com a identidade rural, mas que buscam, compartilham e criam saberes nas suas práticas, gerando inovações sociais e novos usos do espaço (ALMEIDA e BIAZOTI, 2018).



Considerações Finais

A expansão de movimentos agroecológicos no Brasil tem possibilitado cada vez mais a incorporação de novas pautas e participação de novos atores, formando uma teia de coletivos e instituições que articulam uma luta conjunta pelos princípios da agroecologia. Nessa rede, tanto em âmbito local quanto nacional, as juventudes estão trazendo discussões e iniciativas fundamentais para a busca por territórios mais justos, igualitários e sustentáveis. Segundo Castro et al. (2009), as juventudes, interessadas em mudar o modelo atual de desenvolvimento, estão se articulando e atuando politicamente no cenário nacional e dentro de movimentos sociais.

Em territórios metropolitanos, marcados pela expansão do urbano, as nuances entre campo-cidade e rural-urbano estão cada vez mais complexas e confusas. É, portanto, importante buscar uma compreensão que vá além dessas dicotomias, a fim de entender territórios e experiências que dialogam com diferentes realidades, sem colocá-los em “caixinhas”, o que limita a análise e não permite enxergar o todo.

Na RMBH, tem crescido cada vez mais o número de experiências agroecológicas protagonizadas pelas juventudes⁴. Essas iniciativas possuem dinâmicas, estruturas e motivações diferentes, e podem aparecer como uma necessidade de geração de renda e de segurança alimentar, como uma alternativa de modo de vida, como uma forma de ressignificação e transformação do espaço, com um caráter de defesa socioambiental ou busca por qualidade de vida. Quaisquer que sejam as motivações, a agroecologia tem sido apontada como uma ferramenta pedagógica e política para esses jovens.

⁴ São exemplos de espaços consolidados de agroecologia construídos por juventudes na RMBH, para além dos apresentados nesse trabalho: Agroecologia no Brejinho, no bairro São Francisco; o Escadão Agroecológico, no bairro Esplanada; Rede Lixo Zero, no bairro Santa Tereza; Coletivo Mujique, na Serra do Gandarela; Cooporsol Leste, no bairro Santa Tereza; Agroecologia na Periferia, na Ocupação Tomás Balduino; Horta da Cidade, no Bairro Santa Lúcia. Além dos NEAs: AUÊ/UFGM; NEA EPAMIG; NEA Inconfidentes da UFOP; NEA Mutiró da UEMG; CEDAF da UFV; Guayi da UFSJ; Agroê da UFGM; Aroeira da UFGM; entre outros.



Ademais, essas novas experiências na RMBH conduzem a algumas indagações que poderão ser desenvolvidas em outro trabalho, entre elas: (1) A troca intergeracional motiva as juventudes a se envolverem com práticas de agricultura? (seja visitando o quintal de nossas avós ou inspirados pela força de “Cida Barcelos”); (2) Movimentos, cursos, práticas e coletivos estão incentivando os jovens urbanos e metropolitanos a buscar a agroecologia, se sim, quais? (3) Como as experiências e quem as promove podem se articular, visto que estão traçando caminhos e objetivos comuns?

Por fim, a organização das juventudes em territórios metropolitanos enfrenta desafios diversos e comuns na construção e promoção da agroecologia, e é fato que há a necessidade de uma maior articulação que possa servir de base para que se tracem propósitos coletivos. Ainda assim, as iniciativas trazem esperança para pensarmos estratégias para lutarmos pelo direito e o acesso à cidade, à alimentação adequada, a preservação da natureza e do meio ambiente, ao trabalho e geração de renda, à diversidade, e por muitas outras causas que são caras para o futuro das juventudes e da sociedade.

Agradecimentos

Agradecimentos à Fundação CAPES, ao AUÊ! e às juventudes agroecológicas.

Referências bibliográficas.

ABA. **Associação Brasileira de Agroecologia. Aspectos conceituais sobre Agroecologia.** X Congresso Brasileiro de Agroecologia. Brasília, 2017.

ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira de. **Isto e Aquilo - agriculturas e produção do espaço na Região Metropolitana de Belo Horizonte.** Tese. Belo Horizonte; Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

ALMEIDA, D. A. O.; BIAZOTI, André Ruoppolo. **Agriculturas urbanas: agroecologia para a cidade, na cidade e da cidade!.** Cadernos Agroecológicos, 2018.



ALVES, Maria Zenaide; OLIVEIRA, I. . **Juventudes e Território: o campo e a cidade.** In: Cadernos Temáticos: Juventude Brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BIANCHINI, Valter. MEDAETS, Jean Pierre Passos. **Da Revolução Verde à Agroecologia: Plano Brasil Agroecológico.** Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasil. 2013.

CASTRO, E. G.; MARTINS, M. ; Almeida, S. L. F. ; RODRIGUES, M. E. B. ; CARVALHO, J. G. . **Os Jovens estão indo embora? - Juventude rural e a construção de um ator político.** Rio de Janeiro: Mauad/ EDUR, 2009.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, 2003.

DREBES, L. M.; WIZNIEWSKY, J. G.. **Agroecologia e juventude: um possível campo de investigação científica em ascensão.** Revista Monografias Ambientais, 2015.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space.** Oxford: Blackwell, 1993.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **Território e Sociedade no início do século 21.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

WEZEL, A. et al. . **Agroecology as a science, a movement and a practice.** A review. *Agronomy for Sustainable Development*, vol. 29, no. 4, p. 503–515, 2009.